

# RESENHA DE TRAJETÓRIAS DE VIDAS ENTRE RUPTURAS E CONTINUIDADES, DE CLAUDIA DELBONI

ALINE CASTILHO CRESPE

RESENHA: DELBONI, CLAUDIA. TRAJETÓRIAS DE VIDAS ENTRE RUPTURAS E CONTINUIDADES: HISTÓRIAS DE MULHERES ASSENTADAS EM SIDROLÂNCIA/MS. EDITORA PROPRIETAS: RJ, 2022.

O livro *Trajetórias de vidas entre rupturas e continuidades: histórias de mulheres assentadas em Sidrolândia/MS*, de Claudia Delboni, é resultado da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), entre 2013 e 2017. A tese ganhou o Prêmio Elizabeth<sup>1</sup> — promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH) —, no ano de 2022 e foi publicada pela Editora Proprietas.

A pesquisa é uma importante contribuição para a história das mulheres no Brasil, principalmente no Estado de Mato Grosso do Sul. Em diálogo com a sociologia rural no Brasil e no Mato Grosso do Sul, a autora analisa as relações de gênero dentro dos movimentos de luta pela terra, a partir das memórias de mulheres que vivem em assentamentos rurais. Por via da história oral, as mulheres falam de suas trajetórias de vida e de suas lutas pela terra. O resultado é a apresentação de processos históricos que apontam para a complexidade das relações de gênero nas comunidades rurais, no ambiente doméstico e na luta política de trabalhadoras rurais pela terra. A partir do ponto de vista das mulheres residentes nos assentamentos Eldorado I — Ernesto Che Guevara e João Batista, ambos localizados no município de

<sup>1</sup> “O Prêmio Elizabeth, promovido pelo INCT Proprietas em parceria com o GT Estudos de Gênero da ANPUH/Brasil tem por objetivo trazer à luz a produção de conhecimento sobre o protagonismo feminino nas lutas pelo direito à terra nos países ibéricos. O prêmio é uma homenagem à líder rural parai-bana Elizabeth Teixeira” (ANPUH). Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticias-destaque/item/6776-resultado-do-premio-elizabeth>.

Sidrolândia/MS, a autora analisa a trajetória de mulheres e sua presença na luta pela terra no Estado de Mato Grosso do Sul, desde a década de 1980.

O trabalho reúne a história de cinco mulheres conectadas pelo parentesco. Açucena, Violeta, Melissa, Jasmim e Margarida narram suas histórias de vida, colocadas em diálogo pela autora. Narrativas de mães e filhas se entrecruzam em um movimento de perspectivas geracionais e apontam indícios para pensar as transformações ocorridas na vida das trabalhadoras rurais nas últimas cinco décadas. É por meio das narrativas orais que a autora reflete as transformações nas relações de gênero entre mulheres trabalhadoras desde a década de 1970 até os dias atuais.

A partir da história de vida das cinco mulheres, e graças ao trabalho de Claudia Delboni de conectar essas trajetórias aos contextos políticos nacional e regional, enveredamos pela história fundiária e econômica de Mato Grosso do Sul e pelos processos de colonização do estado, com a expansão das fazendas com pastagens e lavouras; conhecemos sobre as relações precárias de trabalho entre trabalhadoras rurais e patrões; e percorremos a história dos movimentos sociais de luta pela terra no MS, a partir da perspectiva das mulheres.

Assim, a autora aprofunda a análise das relações de gênero nas desigualdades que marcam as relações entre mulheres e homens e nas violências que essa desigualdade resulta, seja no plano jurídico, social ou doméstico. A violência doméstica, física ou psicológica, o trabalho não pago e não reconhecido realizado pelas mulheres, o trabalho infantil, as dificuldades para estudar, compõem parte das memórias das mulheres entrevistadas e apontam para experiências que não podem ser esquecidas. Por outro lado, as memórias também são marcadas por lembranças sobre a luta pela terra, a luta pela escola e a luta pela superação da violência.

Seguindo perspectivas teóricas de autoras como Michelle Perrot e Heleieth Saffioti, Claudia Delboni procura identificar o efeito do patriarcado nas relações sociais e as consequências

dele na experiência de vida das mulheres. Pensando a partir da situação das mulheres que vivem nos assentamentos, a autora denuncia as relações desiguais e como isso impacta a vida das entrevistadas.

Entendendo o patriarcado como sistema que ordena representações e práticas, a autora trata dos processos engendrados para a produção de mulheres submissas, dedicadas e silenciadas pela presença masculina em suas vidas. Entretanto, como agentes de suas histórias, elas trazem lembranças que apontam para enfrentamentos, rupturas e transformações. As conquistas de direitos fundamentais para as mulheres resultam dos constantes enfrentamentos protagonizados por elas em seus variados campos de ação. Como algumas das conquistas, podemos citar a lei do divórcio, aprovada em 1977, a posse do lote no nome das mulheres, aprovada em 2002, e a Lei Maria da Penha, que coíbe a violência contra mulheres, em 2006.

O divórcio é um tema recorrente nas lembranças das mulheres entrevistadas. Apesar de legal desde 1977, ele é um tema conturbado na história de vida das mulheres e, muitas vezes, uma realidade distante. Se desvencilhar do casamento, em muitos casos, só é possível pela fuga, mas a fuga nem sempre é uma alternativa possível. A história dramática de Açucena sobre a fuga da mãe trata sobre violência doméstica, ameaça de morte e uma série de dificuldades enfrentadas para sobreviver. Conseguindo fugir viva, a mãe de Açucena vai enfrentar os infortúnios da vida urbana e do trabalho doméstico na cidade. A dificuldade do divórcio está relacionada a outra dimensão fundamental: a propriedade nunca estava registrada no nome de mulheres. A propriedade sempre fora do marido e separar-se dele, significava, muitas vezes, sair de casa sem levar nada e recomeçar a vida sem nenhum subsídio.

Somam-se a isso outras dificuldades. A maior parte das mulheres vem de famílias grandes, com muitos filhos. E as meninas precisam casar-se cedo para diminuir as despesas domésticas da família. Como aponta Claudia Delboni, nas

comunidades rurais, as mulheres tendem a ser vistas como pouco produtivas, e os trabalhos realizados na unidade doméstica não são reconhecidos como trabalho pelos homens. O casamento é, na maior parte das vezes, resultado de uma pressão familiar e não um desejo das mulheres, muitas vezes, meninas. Consentir o casamento é resultado da pressão a que estão submetidas e implica, muitas vezes, repetir a história das mães, tendo a primeira gestação cedo e envolvendo-se nos cuidados da casa e da família, permanecendo dependente economicamente dos maridos, sem encontrar, portanto, meios para se desvencilhar de relações abusivas e violentas.

Entre a opressão do patriarcado e a resistência das mulheres, dois agentes merecem destaque nas narrativas das mulheres entrevistadas: o movimento social de luta pela terra — no caso o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) — e a escola. A escola aparece como um instrumento importante na produção de rupturas e no aumento do protagonismo feminino nos assentamentos pesquisados. A escola é a esperança de um mundo melhor, principalmente para as gerações de mulheres mais jovens. A luta pela terra, a perseverança no acampamento, o trabalho no lote, a presença na escola e a participação nos encontros do MST apontam para a participação das mulheres na luta pela terra, e o livro de Claudia Delboni é uma importante contribuição nesse sentido.

Outro ponto a ser destacado é a qualidade metodológica e ética no uso da história oral. Na análise das fontes oficiais, a historiadora se deparou com o silêncio sobre a participação das mulheres na luta pela terra. As fontes orais produzidas durante a pesquisa demonstram a efetiva participação das mulheres, se não pelas vias políticas reconhecidas, como as reuniões realizadas pelo movimento nos acampamentos e assentamentos, por estarem ativas na luta pelo lote. As mulheres permaneceram firmes nos barracos de lona, protagonizando, a luta pelo lote de terra para suas famílias.

Se as vozes de mulheres são raras nos arquivos oficiais, no livro, as vozes femininas são abundantes e transbordam em narrativas de sofrimento, força, perseverança e esperança. A produção das histórias orais foi marcada pelo rigor metodológico e pelo compromisso político da pesquisadora com suas interlocutoras. As histórias foram gravadas, transcritas, transcriadas e compartilhadas com todas as mulheres que participaram da pesquisa. Das histórias foram produzidos documentos que possibilitaram analisar a composição das relações de gênero nos assentamentos, a partir da perspectiva das mulheres. Por meio de uma metodologia de trabalho que mesclou entrevistas com pesquisa de campo, a pesquisadora conseguiu produzir um ambiente de confiança à fala das mulheres, e o resultado são narrativas potentes sobre suas trajetórias de vida.

A partir de um sistema de dominação que as subjuga e que as educa para o silêncio e a obediência, as mulheres entrevistadas nos assentamentos falaram e mostraram sua força e resistência. Estão vivas e ativas nos assentamentos, no movimento, na escola e nas relações domésticas e agem produzindo pequenas, mas constantes, transformações na estrutura social. É assim que fazem política. Aqui, o parentesco é percebido como um importante espaço da vida política, e as relações domésticas aparecem nas narrativas e no trabalho como modos de atuação política. Nas micro relações cotidianas, encontramos-nos com mulheres potentes, corajosas e fortes, dispostas a romperem com situações de violência e com os consentimentos forçados pelo patriarcado.

Para manter o anonimato das histórias, algumas marcadas por uma série de situações violentas, Claudia adotou o epíteto de flores. A escolha dos nomes de flores não é aleatória. Claudia é uma exímia cultivadora de flores. Nascida e crescida no campo, foi para a cidade contrariando o pai para continuar os estudos. Cursou história na Universidade de São Paulo (USP) e fez o mestrado, também em história, na mesma universidade, quando pesquisou a história de luta das mulheres no assentamento

Sumaré, em São Paulo. Mudou-se para Dourados-MS e ingressou no doutorado, dando continuidade à pesquisa sobre a história das mulheres e suas lutas pela terra. O livro é uma excelente oportunidade de conhecermos o jardim de histórias que Claudia vem cultivando. Que as histórias orais registradas por Claudia Delboni sejam força para todas as leitoras e leitores na luta contra a opressão e a violência dos corpos femininos — em toda sua diversidade — e para o reconhecimento da luta pela terra como fundamental para a vida das mulheres.

---

ALINE CASTILHO CRESPE — Professora do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); alinecrespe@ufgd.edu.br.